

# SHITSUKE: Do gesto perfeito à espiritualidade<sup>1</sup>

Shitsuke: From perfect gesture to spirituality

Daniel Mineiro<sup>(\*)</sup>

*Em mim foi sempre menor a intensidade das sensações  
que a intensidade da consciência delas.  
Sofri sempre mais com a consciência de estar sofrendo  
que com o sofrimento de que tinha consciência.  
A vida das minhas emoções mudou-se, de origem,  
para as salas do pensamento, e ali vivi sempre  
mais amplamente o conhecimento emotivo da vida.  
E como o pensamento, quando alberga a emoção, se torna  
mais exigente que ela, o regime de consciência em que passei  
a viver o que sentia, tornaram-me mais quotidiana,  
mais epidémica, mais tilitante a maneira como sentia.  
(PESSOA, 1987, p.201).*

## Resumo

No Oriente, a espiritualidade não assume uma matriz reflexiva. A filiação loco-cêntrica mostra que é a natureza a ditar o modo de habitar o mundo. Através de uma mobilidade ajustada ao que o *tatami* permite, através de uma disciplina rítmica e da configuração dos movimentos a partir das indicações que a Natureza permite, é possível determinar uma geometria moral e espiritual.

**Palavras-chave:** Tatami. Medida. Ritmo. Modelar. Shitsuke.

## Abstract

In the East, spirituality does not take on a reflective matrix. The lococentric affiliation shows that nature dictates the way in which the world is inhabited. Through mobility adjusted to what the *tatami* allows, through a rhythmic discipline and the configuration of movements based on the indications that Nature allows, it is possible to determine a moral and spiritual geometry.

**Keywords:** Tatami. Measure. Rhythm. To model. Shitsuke.

## 1 A NATUREZA E O HOMEM: Acerca da amável convivência

É inegável a centralidade que a natureza tem para os homens de espírito nipónico, tal como atesta o “loco-centrismo”, que assumem nos mais pequenos gestos (BERQUE, 1993, 139); (RYGALOFF, 1997,p.10).

---

<sup>(\*)</sup>Doutor em Flosopia pela Universidade de Évora/Universidade de Valencia. Professor e coordenador de projetos da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Atua nas areas: Filosofia da Religião, mística cristã, ecologia, espiritualidade, religiões orientais.

<sup>1</sup> Dedico este artigo a Augustin Berque, caro amigo, com quem tenho mantido inúmeras conversas em torno desses temas.

O *tatami*, pequeno retalho de arroz entrançado com uma medida precisa de 91cm por 182cm, relata a porção de cereal que a terra produziu num determinado período do ano (PEZEU-MASSABA, 1982, p.45).

Esta referência espelha-se nas medidas das casas, na relação que os objetos que compõem as habitações têm e no espaço que deve existir entre cada um dos elementos que fazem parte da decoração, não esquecendo as implicações numa orto-disposição (BERQUE, 1993, p.79).

A sensibilidade a este tipo de material, que compõe as casas, impõe que o corpo se adapte a uma força que o arroz entrançado aplica no corpo, portanto, assume uma *ergon-nomia*.

A lei que segue a força da natureza implica uma mobilidade, que é espacializada no *tatami*, e neste contexto o ritmo de lidar com uma estrutura densa (BERQUE, 1993, p.74).

Pelo hábito, a memória corporal e a delimitação que o *tatami* relata traduzem-se numa forma de ação perfeita, que está sempre a ser retomada cada vez que abrimos os olhos, nos sentamos ou fazemos uma determinada ação em casa.

Das formas de união metafísica, às formas espaciais, passando pelo uso social das almofadas ancestrais, existe uma unidade formal, que é ditada pela natureza. Métrica, espaço, ergonomia, estética, ritmo e ética são predicados de uma vivência guiada pelas leis da natureza.

Não existe determinação alguma que seja feita pelo homem. Ao contrário, trata-se de uma união perfeita, que mostra uma centralidade do lugar, com implicações éticas e espirituais (BERQUE, 1993, p.74).

## 2 A GEOMETRIA ECOLÓGICA

A reprodução de uma medida na construção das casas é algo de absolutamente presente nas formas urbanas do Japão. Se nesta medida cheirmos o aroma do arroz entrançado do *tatami*, a métrica urbana depende de uma lógica, que é determinada pela natureza.

Tatuada a “regra de ouro”, o referente das habitações é a continuidade eco-numérica: a estética obedece a uma lei, que tende e aponta para a contemplação da natureza.

Sentados num retalho de cereal, o material resiste ao corpo, com a força que a natureza lhe imprimiu. Esta força obriga a que uma lei se estabeleça para quem do *tatami* se serve, isto é, obriga a uma ergonomia.

Pela estetização da força acontece uma mobilidade, que está pré-determinada: só nos podemos mover de acordo com as possibilidades que o corpo encontra na relação com o *tatami*. E esta baliza da ação implica um ritmo muito próprio (BERQUE, 1993, p.74).

O tempo, a forma, a regularidade e até a disposição com que nos acolhemos ao conforto deste recosto tosco dependem de uma estética ritmada. Por esta razão, é possível falar de uma geometria, que é ecológica, melhor, de uma métrica que depende de uma perceção das implicações que a natureza tem em nós.

A ética é ergon-nómica e a nomia (lei) é loco-centrica, portanto, é possível adotar a expressão “geometria moral”, sem pruridos de que estejamos a cair numa legislação do tipo pós-moderno. A moral, como costume socialmente aceite, é produto de um uso que não conhece o distanciamento clássico entre sujeito e objeto.

Ler bem a vivência ecuménica de que fala Berque é perceber que o sujeito é homem na linha da espiritualização que o uso físico do *tatami* ritualizado permite. Assumir *shitsuke* em toda a sua densidade é perceber que o retalho de arroz entrançado enforma as formas da ação e da espiritualidade (BERQUE, 1993, p.78).

Então, Fernando Pessoa tem razão ao afirmar que “[...] num momento convivi com as esperanças e as emoções de gerações inúmeras”, porque transposta agora a investigação para o terreno da ergonomia. O agir assume a forma per formatizada da natureza, desde sempre.

Não é o homem que modela o *tatami*, apesar de ser entrançado. A quantidade e a forma como se pode entrançar escapam ao homem. Literalmente o homem vê-se a braços com o mundo que o rodeia, portanto, há uma força da natureza (*kekkaï*) que se apresenta gerando uma ação própria.

Reagir ao material entrançado, uma e outra vez, representa uma iniciação, uma educação e depois um treino: o corpo acomoda-se de forma ritualizada à almofada, que não abre outras possibilidades para além daquelas que o material permite.

Com efeito, a geometria ecológica traduz-se numa memória corporal, que modela o sistema de ética, de moral e de espiritual relação com o mundo e os demais homens.

É preciso notar as semelhanças etimológicas das palavras habitar e entrançar as folhas da planta do arroz: *Sumu*, para as duas atividades. Estar num sítio é estar “modelado” em forma entrançada, como acontecia com o arroz. Por outras palavras, é assumir métrica perfeita da ação, que vem das implicações que a força do material que compõem o *tatami* impõem.

### 3 DO GESTO À ESPIRITUALIDADE: A unidade feita a partir do agir perfeito

Bernard Stliger afirma que estamos a viver uma época híper-industrial, que está despida de um verdadeiro desejo de determinação da identidade (STILGER, 2013).

Byung-Chul Han, no seu livro “Do desaparecimento dos rituais”, falou de uma estrutura de produção, que retira toda a dimensão de unidade e de ritualidade à sociedade (HAN, 2020).

A perspetiva é a mesma: desaparecimento de uma comunidade. Só emerge uma comunicação, que é performativa, mas que nada tem que ver com o trânsito entre os interlocutores, nem tampouco com a espiritualidade que um tipo de unidade desse género engendra.

Falta a dimensão identitária, das barreiras, da dificuldade da comunicação e dos conflitos de interpretação. Nada se move como é descrito numa sociedade dita transparente, porque os comunicados são apenas manifestos. Não existe uma simbólica, uma partilha, uma ritualidade.

A mesmidade de uma ritualidade, o aprofundar dos conhecimentos, o insistir sobre um objeto ou uma narrativa que nos resiste é substituído por uma estrutura de consumo.

É a esta dimensão de sociedade do *smartphone* que a comunidade nipónica quer dar resposta: incarnar no gesto a espiritualidade que a natureza provoca em nós (HAN, 2020, p.13).

A geometria ecológica deu conta de uma métrica que é impressa a partir de uma estética do *tatami*: a sensibilidade impõe uma ação conforme. Ao cumprir a lei ordenada, surge uma conformidade do corpo e do espírito com os moldes da natureza.

O limite da mobilidade, o ritmo com que me acolho ao recosto e forma de agir são resultado de uma estrutura ecológica que leio com o corpo. Assim, ao cumprir em

memória corporal os ditames da sábia natureza, o corpo recorda as memórias que os seus antepassados incarnaram ao se sentarem do mesmíssimo modo nos colchões feitos de planta do arroz entrançada.

A disponibilidade própria da espiritualidade assume aqui a dimensão de uma primeira porta da corporalidade. É pelo corpo que existe esta iniciação a uma geometria moral e ao gesto perfeito, mas não só, porque se o movimento é de ajustamento ao exterior, também existe um movimento do exterior para o interior, que não deve ser descurado.

Preparar a estética e a mobilidade não é assunto algum de pouca importância: o regime alimentar das comunidades nipónicas mantém-se invariável há centenas de anos. Modelando a alimentação e com ela o corpo, a mobilidade que este assume quando toca no tatami é secundária e resultado de uma anterior; aquela que foi feita pelo corpo em relação ao alimento.

Uma e outra vez, assistimos a uma permeabilidade face à natureza. O corpo acolhe as modelações que o alimento lhe impõe. Por sua vez, o corpo regista em memória corporal aquilo que as leis do *tatami* implicam.

## REFERÊNCIAS

BERQUE, Augustin. **Du geste à la cite. Formes urbaines et lieu social au Japon**. Paris: Gallimard, 1993.

HAN, Byung- Chul. **Do desaparecimento dos rituais**. Lisboa: Relógio d'Água, 2020.

PESSOA, Fernando. **Obras em Prosa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1987, p. 201.

PEZEU-MASSABAU, Jacques. La Maison Japonaise. **Publications orientalistes de France**. Paris, 1982.

RYGALOFF, Alexis. Existence, possession, présence, **Cahiers de linguistique d'Asie orientale**, nº1 (1977), p.10-23.

STLIGER, Bernard. **A miséria simbólica**. Lisboa: Orféu Negro, 2013.

(Recebido em outubro de 2021; aceito em novembro de 2021)